

FENOMENOLOGIA E FILOSOFIA ANALÍTICA: UMA UNIÃO POSSÍVEL

PHENOMENOLOGY AND ANALYTIC PHILOSOPHY: A POSSIBLE UNION

Este segundo número da Revista Brasileira de Filosofia da Religião traz uma marca bastante própria desta área no Brasil. Teremos aqui artigos de abordagens em filosofia contemporânea que raramente aparecem juntas num mesmo volume ou sequer numa mesma revista: fenomenologia e filosofia analítica. Trata-se de textos selecionados a partir de trabalhos expostos principalmente em dois eventos ocorridos neste ano na Universidade de Brasília: o *Simpósio Heidegger e a Fenomenologia da Religião*, ocorrido em maio de 2015 e o *Seminário Teologia Natural e Existência de Deus*, realizado em fins de agosto.

Para começar, temos um artigo de um dos mais importantes estudiosos de Heidegger no Brasil, o Prof. Emmanuel Carneiro Leão. Sua proposta é provocar o pensamento acerca da relação entre os diferentes tipos de teísmo e o poder. Coloca-se aqui o problema da tentativa de acomodação do mistério em uma instituição. Como lidar com uma realidade tão pouco acomodável? E como deixar de tentar incluí-la em uma instituição para que se possa lidar com essa realidade?

O artigo de Marcos Aurélio Fernandes parte da noção fenomenológica de facticidade, como aquilo que se dá e se acolhe na própria existência, para refletir acerca do cristianismo no Novo Testamento. Trata-se de um documento no qual se relata a própria origem do ser cristão e é nesse sentido que o olhar da filosofia se volta para ele. Segundo Fernandes, podemos ver no texto desde essa perspectiva uma referência ao viver humano fático e não num sentido cósmico grego. Essa vivência aponta para uma nova forma de viver o tempo, concentrado na existência e nos rumos que são dados a esta por nós e pelas interações que vivemos.

Na sequência, o texto de Renato Kirshner traz uma instigante e informativa comparação entre textos centrais da fenomenologia da religião para entender possíveis convergências e divergências na abordagem desse assunto por esse método de reflexão. Heideg-

ger e van der Leeuw são os autores analisados e a comparação tem muito a revelar tanto pelo contraste quanto pela aproximação.

O artigo de Sérgio Wrublewski retoma o texto inicial de Carneiro Leão e se propõe a discutir a relação entre poder e cristianismo. A questão que se coloca desta vez é como o agenciamento do poder se relaciona com uma estrutura de ser como vivido, tal como proposto pelo cristianismo na sua origem, ainda que muito disso tenha se perdido na sua história.

Já Daniel Rodrigues Ramos se concentra nos textos do chamado Heidegger tardio, reunidos no volume *Contributos à Filosofia*. Neles Heidegger reflete sobre o tema da “fuga dos deuses” e do advento do último deus, num sentido bastante peculiar a sua filosofia, mas que tem importantes relações com as ideias de pensadores como Nietzsche e o problema da perda do sentido do divino (e de tudo o que é profundo, talvez...) no mundo de hoje.

Gilzane Naves e Sandra Venturelli fazem um exercício comparativo semelhante ao do artigo de Kirshner apresentado mais acima. Desta vez, a comparação é entre Heidegger e Habermas acerca de um tema comum a ambos os pensadores alemães, que parecem tão diversos quanto a vários aspectos. O assunto da comparação é exatamente a metafísica e a tentativa de superação desta que por tanto tempo predominou não só na filosofia, mas também na forma tradicional do cristianismo no ocidente.

Encerrado o ciclo de fenomenologia da religião, que perfaz a maior parte do presente volume, temos em seguida um texto que, na verdade, não foi apresentado em nenhum dos dois eventos citados acima, mas que, por sua relação tanto com a fenomenologia quanto com a tradição analítica, foi selecionado para constar aqui. O pensador argentino Angel Garrido-Maturano faz uma hermenêutica da postulação de Deus no sistema metafísico de Alfred Whitehead. Na concepção de Garrido-Maturano, essa análise se faz pertinente para se compreender essa postulação, uma vez que ela não parece necessária ao sistema.

Na mesma linha de mostrar que uma ideia, apesar de bem defendida, não se faz necessária, vai o artigo de Rogel Oliveira. Em artigo apresentado no seminário sobre teologia natural e existência de Deus, o autor admite que o projeto de apresentar argumentos em favor da existência de Deus por parte de Richard Swinburne é bem sucedido. O problema não é esse, mas sim que, apesar daquele sucesso, esse resultado não é nem suficiente nem necessário para o crente religioso, conforme havia argumentado outro importante filósofo analítico da religião, Alvin Plantinga.

Enquanto o artigo anterior usa Plantinga para criticar Swinburne e a tentativa de formular argumentos sobre a existência de Deus, o texto de Felipe Sozzi faz o contrário. Após expor o argumento de Plantinga contra o naturalismo ontológico, o texto explora a possibilidade de construir a partir deste um argumento em favor do teísmo a partir da confiabilidade das faculdades cognitivas humanas, que é o “calcanhar de Aquiles” do naturalismo ontológico segundo Plantinga.

No artigo seguinte, nada como revisitar o tão polêmico argumento de Anselmo, conhecido normalmente na comunidade filosófica como “argumento ontológico”. Ricardo Silvestre faz uma formalização do argumento com recursos da lógica moderna, para apresentar a estrutura central do arrazoado de Anselmo. O que pareceria mais um argumento que parece tão típico da tradição analítica em filosofia, é na verdade um estudo de caso sobre algo mais amplo nessa maneira de abordar a filosofia da religião. Silvestre se propõe a lançar um olhar crítico sobre as virtudes e limitações da própria atividade de formalização de argumentos na discussão sobre questões relativas à religião e na filosofia em geral.

Por fim temos um artigo que também é fruto do Seminário Teologia Natural e Existência de Deus, em que Alcino Eduardo Bonella examina criticamente a teoria do mandamento divino à luz da metaética, disciplina desenvolvida mais contemporaneamente com instrumentos da filosofia analítica. O artigo se estrutura principalmente em torno do chamado dilema de Eutífron, em que se questiona se as ações são corretas porque Deus as aprova, ou se Deus as aprova porque elas são corretas. Alcino defende a segunda opção.

Como disse inicialmente, este volume contém algo pouco usual. Unir numa mesma vez Heidegger e a lógica formal moderna parece algo impensável para a maior parte das revistas acadêmicas de Filosofia. Essa é, porém, uma das virtudes da filosofia da religião: para tratar de temas tão difíceis e exigentes como os que ela trata, nenhuma contribuição deve ser dispensada. Todos são bem-vindos ao debate.

Agnaldo Cuoco Portugal

Doutorado em Filosofia da Religião pelo
King’s College da Universidade de Londres (2003).
Professor associado 1 da Universidade de Brasília.
Atua nas áreas de Filosofia da Religião e Filosofia da Ciência.
Foi presidente da Ass. Bras.de Fil. da Religião - ABRF (2010-2015).
E-mail: agnaldocp@unb.br

